

AS RAÍZES DA ESCRAVIDÃO E DO TRÁFICO HUMANO NO MUNDO.

Políticas Públicas e Projetos para Amazônia: Desafios, Sustentabilidades e Perspectivas, 1^a edição, de 21/06/2023 a 23/06/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-044-1

MENEZES; Elisangela Ferreira ¹

RESUMO

É sabido em nossa sociedade que as forças de trabalhos empregadas na construção e manutenção das diferentes sociedades são reflexos das relações de exploração de milhares de seres humanos. Mediante a isso, é necessário compreender sobre os aspectos históricos, sociológicos e políticos que envolvem essa relação. Para entender as raízes do tráfico humano e a íntima ligação com o trabalho escravo e como este exerce força e influência até os dias atuais é necessário adentrar um universo histórico, sociológico e geográfico de análise reflexivas. O objetivo deste resumo é compreender a necessidade da reconstrução histórica do que e como ocorreu a escravidão no mundo desde a antiguidade para buscar o significado que este tem para as implicações sociais e geopolíticas do tráfico humano. A metodologia empregada foi a bibliográfica, com análises dos textos históricos sobre o fenômeno e descritiva para entender como se deu o processo civilizatório nos moldes da escravidão e tráfico de pessoas. Na obra: "Negros e escravos na Antiguidade", José Guimarães Mello a partir de uma pesquisa realizada, traça um histórico da escravidão desde a antiguidade, passando por suas modificações ao longo da história, esta revela que a escravidão foi uma ação socialmente aceitável pela maioria das sociedades que já existiu, sejam elas ocidentais ou não. Inclusive, várias civilizações na antiguidade utilizavam-se de escravizados para o trabalho, como é o caso da Mesopotâmia, Egito, China e Índia e também a civilização Grega. Já nas civilizações pré-colombianas, os Incas, Maias e Astecas também tinham escravos, porém estes tinham direito a uma porção de terra para plantar, sendo obrigados a dar uma parte da produção ao imperador, porção maior que a dos homens livres. A escravidão nasce como a apropriação do trabalho de outro, por isso pressupõe o desenvolvimento das forças produtivas, também da relação assimétrica de poder e relações baseadas na dualidade superioridade/inferioridade. O ser humano se apropria do excedente produtivo de outro (MELLO, 2003) em uma relação de poder e dominação. É importante salientar que a visão entre as sociedades escravagistas era bem distinta no que se refere à noção de escravidão. Na análise de Mello (2003), que buscou pontuar a relação da escravidão com o preconceito racial, aponta que este fenômeno dividiu a humanidade e justificou a violência, porém o elemento da cor de pele é uma invenção relativamente recente. Os primeiros registros sobre a escravidão não atrelavam a cor da pele ao escravizado, os escravos brancos existiam em função de outro tipo de relação social, baseada na busca por território e poder. Na análise de Costa e Silva (2002), na obra intitulada: "A Manilha e o Libambo e a Escravidão de 1500 a 1700". Ele traz a leitura da noção de cor de pele para justificativa da inferioridade. Sobre isso, ele afirma: "É o árabe que vai elaborar toda uma ideologia sobre a inferioridade da raça e sua condição naturalmente sub-humana." (COSTA E SILVA, 2002, p. 59). Este dado condiciona a necessidade da reflexão entre a escravidão no mundo e o preconceito racial. Os registros dão conta de que há pelo menos 2.680 anos A.C, já havia comércio e tráfico de escravos na região da África, sublinha-se que a escravidão no mundo antigo era a base da economia (COSTA E SILVA, 2002). A escravidão em suas diversas feições era praticada por diferentes povos ao longo da história, alguns aspectos deste, geralmente estava ligada a guerras entre grupos com interesses divergentes, quando o grupo perdedor se transformava em prisioneiro de guerra e sendo obrigado a ser escravo. Há várias

¹ Universidade Federal de Rondônia-Brasil. Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, mulher e relações sociais de gênero. GEPGÊNERO, elis.86.pv@gmail.com

narrativas sobe a escravidão, entretanto o discurso do negro sem alma, como justificativa para a barbárie (MELLO, 2003) certamente se configura como uma das mais fortes e injustas da nossa história. Cada sociedade em seu contexto histórico praticava a escravidão e o tráfico de pessoas dentro dos seus códigos, leis e normas específicas (MELLO, 2003). O comércio, compra e venda, fazia parte dessas práticas. Uma delas era a comercialização de filhos como escravos, era comum e regulamentada. Os próprios pais a vendiam em tempos de fome, a falta de recursos, o levava-os a praticarem o que era conhecido na época como escravidão voluntária. A escravidão por dívida também era permitida, bem como marcar os escravos com ferro, em práticas comuns antigas (MELLO, 2003). Essa movimentação, transporte de pessoas com ou sem autorização das mesmas, configura-se como tráfico de pessoas. Por fim, concluímos que o tráfico é uma característica marcante para prática da escravidão, Mello (2003) aponta que já existia na Antiguidade, o tráfico mercantil de pessoas era uma prática legalmente aceitável no Oriente Antigo.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão, Tráfico Humano, Antiguidade